

OS TRABALHOS E OS DIAS NA ANTIGUIDADE

Homero, Hesíodo e Virgílio: olhares diversos sobre o Homem e a Natureza.

Alves Fernandes

A proposta do nosso discurso é enlatizar a realidade contrária ao que se apresenta como fundamento da própria condição humana. Nem os deuses nem os animais trabalham, só o homem.

Nem por isso deve o trabalho ser considerado um castigo, nem os deuses, nem o cosmos, o pão com o suor do seu rosto, nem a criação punitiva ao crime de desobediência primordial. Neste contexto, a dialética entre a realidade e a imaginação, entre a luz e a sombra, entre o real e o imaginário, que o homem aparece na face da terra foi-lhe necessário para se lançar em busca da sua substância, enfrentando a alteridade dos elementos, das divindades e das condições.

2ª PARTE

sempre mais árdua ou mais amena na dependência da variedade dos climas.

ESTUDOS

O resto é poesia e filigrana mítica de que dispõe a fantasia humana para a leitura sem fim da nossa própria existência.

Para a visão ponderada do poeta de Arca, a terra é fértil e maldição, o trabalho árduo dos campos é a fonte da vida, mas a ociosa e indispensável fonte de energia para o desamparo do homem em busca do sucesso e do bem-estar.

Se para Homero os valores do trabalho e do bem-estar constituam a referência maior, como se a pátria grega, privilegiando o estamento aristocrático de Hesíodo, em Hesíodo dedica-se o eixo de sua atenção para o segmento social do mundo camponês - a paisagem da existência laboriosa do mundo do trabalho produtivo é essencialmente associada à sobrevivência da espécie.

Investindo na poesia o substrato espiritual da sua própria existência de camponês, de Hesíodo, contempla com "intelecto d'amor", de

Sonata dos Punhais

Antônio Filho²⁴

Devia há muito tempo um retorno a estas plagas virtuais, e o faço, em primeiro lugar, por esse vício besta de escrever. E hoje veio-me, naquele instante que só uma breve, embora acalorada conversa com os deuses permite, uma irresistível vontade de ler algumas páginas de lidos e lindos livros.

Acho que tantos livros mereciam umas palavras. Mas é preciso começar por um de tantos, e começarei por este **SONATA DOS PUNHAIS**, publicado em 1994, pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar, da UFC. Há tempos que o li, um livro no mínimo impressionante, um livro considerado menor frente à obra do autor, um livro inesquecível. Nele, ou por ele, Francisco Carvalho transporta-se em sua temática quase infinita, não fosse a avareza que ele mesmo diz ser incapaz de transliterar-se em poesia. Nele, Francisco canta, ao tilintar das lâminas de sua voz de anti-cínico, a condição precária da vida humana, o que nos poria obrigados a ler o soneto da página 75:

BALADA DO ESPÓLIO

A Jaci Bezerra

Nossos haveres são messes de palha
são pastagens de vento os nossos olhos.
Até o amor e as plumas da mortalha
tudo pertence à traça dos espólios.

Dividimos a herança com quem passa
sangue e areia no instante da partilha.

O celeiro de espantos, a trapaça
e os dentes amolados da matilha.

24 Crítico literário

Dividimos o ouro das arcadas
o fel da fala, os pastos do litígio
e as vestes ensopadas de luxúria.

Dividimos o pânico, as escadas
o andor da morte, as arcas do prodígio.
Repartimos o horror, menos a fúria.

Acredito que aqui vale uma observação sobre a forma adotada para os poemas desse livro. É sabido que Francisco Carvalho é comumente enquadrado na geração de 45, ou simples herdeiro dessa tradição poética. Os poemas todos, com menos de uma dezena de curtas estrofes, não ultrapassam duas páginas, sendo que a maioria é de apenas uma página, como se houvesse uma motivação formal entre o título e a forma dos poemas, entre a sonata/soneto e os punhais e a série de curtos poemas que compõem o livro.

É considerável a presença de sonetos neste livro. E são, provavelmente, a principal experiência formal do poeta nesta obra. Vejamos que, além do exemplo de **A BALADA DO ESPÓLIO**, há outros menos tradicionais como um todo em dísticos, com sete estrofes de apenas dois versos:

Retrato

A Caetano Aragão

O retrato ainda exala uma arrogância
nas longas barbas do senhor feudal.

Ainda preserva os signos da distância
entre a sombra do morto e o serviçal.

O retrato regressa aos seus domínios
demora o olhar na plantação de arroz.

Pastoreia a volúpia dos meninos
enquanto o inverno jorra do algeroz.

Vai ao quarto das moças, certo quarto
que recente a pecado e alfazema

e põe ardil nos olhos do retrato
odor de argúcia achado numa lenda.

O retrato ainda exala certa fúria.
Certo aroma de incesto e de luxúria.

Em **O RETRATO**, Francisco ainda mantém os decassílabos heróicos, no entanto, com algumas irregularidades que ao contrário de se configurar em defeito, enriquecem ainda mais, com uma melodia menos rígida, a dura temática do poema. Fato que já não ocorre em **A ONDA É UM PÁSSARO** (p.14),. Certamente por ser um poema de um lirismo muito mais idílico e de feição claramente paisagística, o poeta adota forma e ritmo diversos em versos heptassílabos, embora mantenha a estrutura de sete dísticos.

A Onda é um Pássaro

Na tarde feita de conchas
a onda é uma ave que canta.

Chegam do mar asas tontas
roçando a espuma brilhante.

Na tarde azul se desenha
mapas de incestos e insídias.

Chegam do mar e das brenhas
gaivotas enfurecidas.

Todas as sombras velozes
desse mar de profecia.

Sombras de gestos e vozes
naufragadas num só dia.

Na tarde feita de espumas
anjos se estupram nas dunas.

Um poema de forte tensão erótica e dilaceradora. Nele, o poeta enxerga a composição em pleno movimento, e, não obstante a beleza do quadro, registra tudo em lentes telescópicas. E tudo corta a paisagem com violência e velocidade.

Outro poema dentro do esquema de sete estrofes de dois versos é **LENDA DO PÊSSEGO** (p.31). Trata-se de outro poema de grande conotação erótica. Nele, o poeta se vale de suas principais armas de artífice da palavra mágica: a sinestesia. Francisco Carvalho mistura os sentidos do leitor, num paroxismo de informações sensoriais. E tudo dentro de um ritmo misterioso, com versos de uma melodia fluida e fugidia, o que poderia sugerir-nos que o poeta se inspirou nos antigos alexandrinos espanhóis. Este um poema no mínimo intrigante e aqui o transcrevo para que o leitor possa chegar às suas próprias conclusões.

Lenda do Pêssego

Taça de cedro, borra
de vinho sacrílego.

Urna de argila
negra, cálice de usuras.

Curva sutil da outra
metade do seio.

Olhos de terracota
fixos na compota.

Sílaba de barro
de algum hino tribal.

Talismã cego
dos hinos órficos.

Tatuagem de sangue
na curva da nádega.

Mas a sonata de Carvalho não é feita apenas de erotismo. Neste livro, acredito, Francisco Carvalho é um poeta de condição humana profundamente atormentada. Nele, isto é, em sua poesia há um profundo espanto frente a essa fragílima existência do homem sobre a terra. Tanto que os personagens do seu teatro de agonias, "o vento, o tempo, os rios, a noite, o sexo", metáforas umas das outras, assombram-lhe incansavelmente o texto. Vejamos o poema **GIRASSOL** (p.100):

Girassol

O vento chega do mar
o aroma dos seus vestidos
o girassol na janela.

A vida jorra do corpo
sangue que amola os punhais
o girassol na janela.

A água respira o éter
o vento arranca os teus seios
o girassol na janela.

A morte planta o seu caule
numa planície de sangue
o girassol na janela.

A noite dorme nos pássaros
a terra canta nos veios
o girassol na janela.

Os lobos uivam na escarpa
cantam pardais nos teus seios
o girassol na janela.

Agora estão todos mortos
as tumbas de olhos abertos
o girassol na janela.

Uma outra dimensão da poética carvalhana é a profunda e circunspeta existencialidade. Francisco, homem e poeta, pergunta-se, contempla-se em si mesmo, nos outros homens e na ilusão das representações. Consideramos, assim, porque estão presentes quase que obsessivamente os espelhos, os retratos, as esfinges, os desenhos, os olhos na **escrita** de grande parte dos poemas do livro.